

## **A travessia existente no conto e no fato de José Saramago em “o conto da ilha desconhecida”.**

Material elaborado e apresentado na Universidade de Brasília, na disciplina Literatura Portuguesa Modernismo.

Gisélia Nunes do Nascimento, abril de 2009.

Resumo: o presente artigo aborda de forma rápida, a conversa com leitor que José Saramago transpõe em seu conto. Relata de forma breve os aspectos essenciais do conto. Destaca uma problemática vivida pelo homem – o desconhecimento de si. E aborda com plenitude a estética do escritor português.

Palavras-chaves: humanismo, universo, antropocentrismo.

O conto da ilha desconhecida trata de elementos essenciais necessários a sobrevivência de qualquer indivíduo. O conto relata a busca incessante da realização de um sonho, da idealização e da concretização de objetivos. Reúne as ações e os sentimentos humanos a fim de mostrar de forma profunda e intensa, o homem e suas características interiores. Recorta o espaço e os personagens, como se tirasse uma foto, descrevendo de forma rápida, porém eloquente os verdadeiros valores do indivíduo.

José Saramago, no conto, não somente recorta o imaginário do homem, ele aponta suas nuances e suas particularidades, lança nas mãos dos personagens, a capacidade inerente do homem sentir-se completo ou pelo menos saciado quando da concretização e(ou) realização de um sonho. Num mundo complexo e cheio de adversidades, o homem se comporta como uma figura, ou melhor, um objeto que, por vezes, sentisse num universo desconhecido.

Na tentativa de evidenciar problemas tanto socioeconômico, quanto cultura e intelectual, o autor, descreve um enredo que possui como traços a problemática vivida

por um homem que bate na porta de um rei, pedindo que ele o atenda e ajude-o a realizar um grande sonho, objeto de desejo e busca incessante da realização plena.

O conto, representa a figura mascarada que é o ser humano, um ser cheio de camadas, que vive dia após dia a envolver-se e integrar-se a um ambiente cheio de contrariedades e controvérsias. Ao descrever as fraquezas, ou melhor, as situações que motivam a descrença da concretização de um sonho, o autor, retira uma máscara que nos cobre, seja por defesa ou por necessidade; o sonho apesar de vivo é gerador de espanto, descrença, medo e, principalmente, desconhecimento.

Esperança, terminologia vital a qualquer indivíduo, que marca o tempo e o espaço, que fere e cura a alma, que simplesmente se resume a sonhos...

“Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar”.

O medo que assola qualquer um de nos é a incerteza da realização de nossos objetivos, quem nunca sonha? Quem nunca se permitiu a gostar, a desejar, a ter?

Esta é uma discussão que José Saramago apresenta ao leitor como um convite a descoberta do desconhecido. Proposta esta que nos reporta a reflexão. Um debate que tem como cenário, a burocracia, e como pano de fundo, a motivação que alimenta o homem – o sonho.

Carregado pelos sentimentos e emoções, o enredo trazido por José Saramago, de maneira geral, universaliza o processo dinâmico das transformações e indagações vividas pelos personagens e também por nos; este processo que se fecundou na transição do teocentrismo para o antropocentrismo marcou a retomada do pensar acerca dos valores vitais do homem. Sonhos, metas, objetivos, são elementos vitais para a sobrevivência em mundo tão complexo e, muitas vezes, desconhecido.